

Moral Stranger: A Caminho duma Ética Universal?

Moral Stranger: On the Way to Universal Ethics?

João Pina^{1,2*} 

Afiliação

¹ Unidade de Cuidados Intensivos e Intermédios Polivalente, Hospital do Santo Espírito da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, Portugal.

² Instituto de Bioética, Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal.

Palavras-chave

Bioética; Ética; Moral

Keywords

Bioethics; Ethics; Morals

INTRODUÇÃO

"If there was a set of universal ethical principles that applied to all cultures, philosophies, faiths and professions, it would provide an invaluable framework for dialogue (Colero, 1997)"

Talvez o maior e mais importante legado deixado por Hugo Tristram Engelhardt Jr. para o campo da bioética foi trazer o discurso dos valores morais para além de um paradigma ocidental desafiando o liberalismo cosmopolita como base duma bioética global que se assuma como capaz de orientar a tomada de decisão ética em todos os países e culturas. Na sua vasta obra na ética e na filosofia, Engelhardt confronta-nos com a verdade inconveniente de que, em vez de uma moralidade comum compartilhada no campo da bioética, existem inúmeras visões morais. Cada perspectiva moral torna plausível um entendimento diferente da bioética, reflectindo diferenças significativas nas perspectivas teóricas e nos compromissos morais, resultando em divergências profundas e substanciais.

Apesar das reivindicações desesperadas de consenso e tentativas apaixonadas de impôr visões morais uniformes por filósofos, políticos e decisores, a moralidade é plural e a diversidade é real.

A falta de um vocabulário moral único e de um conjunto variado de crenças morais que reivindiquem objectividade e validade universais resulta numa enorme dificuldade em resolver controvérsias e disputas bioéticas.

Engelhardt sempre mostrou cepticismo quanto ao valor da racionalidade moral para resolver divergências morais profundas. Ele acreditava que havia uma necessidade de

ancorar a moralidade e a bioética a um Deus transcendente para unificar a moralidade e fornecer uma base sólida para o seu reconhecimento. A verdade moral, na perspectiva de Engelhardt, só pode ser revelada pela experiência não discursiva de Deus; ela não pode ser conhecida por meio de argumentos discursivos.

Esta convicção levou Engelhardt¹ a usar o termo *moral strangers* (MS) para identificar indivíduos com quem não se pode resolver controvérsias e divergências de âmbito moral através da argumentação racional dada a falta de premissas ou referências morais comuns. Para Engelhardt, *moral friends* são aqueles que compartilham com ele a visão moral de uma bioética tradicional cristã como um ponto de vista final, a partir do qual as questões bioéticas, incluindo o sofrimento, a doença, a deficiência, são interpretadas como missão cristã central que transfigura a união com Deus. Esta sua perspectiva transcendental permite que *moral friends* resolvam controvérsias morais por meio de argumentos racionais sólidos ou por meio do apelo a uma autoridade moral comumente reconhecida.

Mas será que podemos conviver moralmente entre as convicções pessoais e uma preocupação universal?

Marco Aurélio (26 de abril de 121 d.C a 17 de março de 180 d.C.), foi o último dos cinco bons imperadores romanos e é tido como exemplo de abertura às ideias e valores diferentes dos convencionais, na época e no império. Escreveu inúmeras reflexões, compiladas numa obra que ainda hoje é lida, *Meditações*, foi defensor da corrente ligada ao Estoicismo, e foi inspirador para vários pensadores incluindo os ligados ao Cosmopolitismo e ao próprio Cristianismo. Sabe-se, no entanto, que perseguiu os cristãos sem lhes dar trégua. Os seus historiadores procuraram preservar, pelo menos parcialmente, a sua imagem conciliadora e eclética. O facto é que não é uma questão fácil de responder e, muito menos de praticar. São bem conhecidas as dissonâncias actuais sobre

Autor Correspondente/Corresponding Author*:

João Pina

Morada: Unidade de Cuidados Intensivos e Intermédios Polivalente, Hospital do Santo Espírito da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, Portugal.

E-mail: pina.jpa@gmail.com

questões identitárias de género, religiosas, étnicas e políticas. Para mencionar as principais, apenas.

Falar de MS começa logo por ser complicado pois não o conhecemos. Se já existe estranheza no estranho como podemos discutir, os seus valores? Mais que a sua natureza estranha é a dimensão das suas exigências.

A ideia de viver harmoniosamente num mundo com diferentes valores é uma demanda com milhares de anos. Os primeiros sinais foram dados pela escola dos Cínicos entre o século I e o V. Os cínicos gregos e romanos clássicos consideravam a virtude como a única necessidade para a *eudaimonia* (felicidade). Viviam de acordo com a natureza e não se afastaram da sociedade, evangelizando e vindo a influenciar algumas correntes do cristianismo, mais tarde, mas sobretudo o Estoicismo. O seu mais conhecido representante foi Diógenes que vivia num barril e possuía apenas uma túnica e uma saca para transportar o pão. Protagonizou um diálogo bem conhecido com Alexandre Magno.

Para os Estóicos, surgidos no século III a.c., também a virtude é o único bem e único caminho para a felicidade; no entanto, havia diferenças importantes com os Cínicos. O indivíduo deve negar os sentimentos externos, o prazer é indiferente ao homem sábio, o universo é governado por uma razão universal natural, valorizavam a indiferença (*apatheia*) e ambicionavam o Cosmopolitismo, o Estado ideal de Aristóteles. A corrente do estoicismo tem conhecido alguma divulgação mais recentemente, em iniciativas de auto-ajuda, como forma de encarar o caos e a confusão à sua volta enquanto o indivíduo ou a organização mantém a harmonia no interior do seu sistema. No fundo, o princípio diz que devemos minimizar a importância do que está fora do nosso controlo e que as emoções destrutivas são o resultado de erros da nossa forma de ver o mundo.

Epíteto, um ex-escravo do ano I da era cristã, escrevia:

“Quem acusa os outros pelos próprios infortúnios revela uma total falta de educação; quem acusa a si mesmo mostra que a sua educação já começou; mas quem não se acusa a si mesmo nem aos outros revela que sua educação está completa”

Zenão de Cítio, o fundador do Estoicismo, foi o primeiro a sonhar com uma república que deveria abraçar toda a humanidade. Na verdade, o Estoicismo teve uma influência significativa no Cristianismo expressando-se muitas vezes através deste. Cito Frei Bernardo Domingues, um pregador dominicano convicto, falecido em 2019 e cuja homilética estava centrada no optimismo:

“Que o Senhor me conceda a serenidade para aceitar aquilo que não posso mudar, a coragem para mudar o que me for possível e a sabedoria para discernir entre as duas”

No entanto, os valores e princípios comuns que a Humanidade precisa não podem derivar duma religião, dum sistema político, duma corporação. As religiões, os partidos políticos, as corporações surgem como tentativa de resposta às doenças da sociedade e são inspiradas em mártires ou em ideologias. Criadas pelo Homem têm sido corrompidas pelo próprio Homem e, a par do muito Bem que têm feito, também têm sido responsáveis por guerras e atrocidades inimagináveis. A atracção pelo poder, pela riqueza ou pela glória tem minado as religiões e ideologias políticas descredibilizando-as e obrigando o ser humano a desviar a atenção para alternativas de cariz mais ou menos místico ou então sem qualquer espiritualidade, dedicando-se a viver o momento e procurando, em pequenos espaços temporais, o prazer imediato na satisfação dos seus instintos ou das necessidades induzidas por uma sociedade de consumo.

O comércio e o tráfego de bens de consumo obriga, por sua vez, a um entendimento entre povos procurando acertos não só na logística e na economia mas também em valores e princípios.

As tecnologias de informação disseminaram e democratizaram a comunicação tornando o planeta em que vivemos tão pequeno que todos podem ou poderão ter voz para expressar a sua vontade e as suas convicções.

A propósito deste desafio, afirmava Hillary Clinton num discurso proferido em 2011 na Universidade George Washington²:

“The Internet has become the public space of the 21st century – the world’s town square, classroom, marketplace, coffeehouse, and nightclub. We all shape and are shaped by what happens there, all 2 billion of us and counting. And that presents a challenge. To maintain an internet that delivers the greatest possible benefits to the world, we need to have a serious conversation about the principles that will guide us, what rules exist and should not exist and why, what behaviors should be encouraged or discouraged and how.”

Da mesma forma que se torna cada vez mais difícil distinguir entre as dimensões material e digital das nossas existências torna-se cada vez mais frequente o contacto com diferentes formas de pensar, diferentes valores e princípios morais. Estar presente e participar neste espaço imenso, nesta “Praça Digital” gera inúmeras e graves responsabilidades, exige argúcia, honestidade, ponderação, trabalho árduo e capacidade de comunicar.

O filósofo Paul Ricoeur observa, no entanto, que *“Todas as mudanças no sistema de deveres e direitos correspondem a mudanças nas oportunidades efectivamente disponíveis socialmente”*. O Tribunal Europeu dos Direitos do Homem reconhece que a Internet constitui um dos principais meios de realização das liberdades de expressão e de informação do

ser humano, bem como da sua participação em actividades e debates relacionados com questões políticas e de interesse público, leia-se, científico, social, económico, cultural, justiça, lazer, etc. Ou seja, é uma ferramenta pronta a projectar o ser humano, essencialmente, como ser social. A Internet, tal como a Natureza, não contém nem possui moralidade intrínseca, mas tornaram-se bens de direito que reclamam atenção contendo em si um desafio ético imenso e transformador para o Homem.

É senso comum assumir e aceitar que o ser humano em geral partilha e incentiva sentimentos e afectos relacionados com a reciprocidade, a vulnerabilidade, a poesia, a música, o casamento, o funeral, a cortesia, a hospitalidade, a generosidade, a solidariedade, conflito social, bom e mau, certo e errado e por aí fora.

Com base nestes valores e princípios, desenvolveram-se múltiplos sistemas éticos, em diferentes partes do mundo, com orientação e preponderância para valores religiosos ou humanistas. Mesmo assim, na pós-modernidade em que vivemos, com as ideologias em crise, o relativismo moral tornou-se uma corrente fácil, acessível, forte e perigosa, mas que não se preocupa nem procura os fundamentos da ética.

A maior parte dos sistemas éticos é antropocêntrico no sentido que valorizam o ser humano acima de tudo, o que cria inúmeros riscos como o positivismo científico. Augusto Comte, o seu grande defensor, viveu no contexto do fim do iluminismo e ascensão do cientificismo, no qual nasce a crença de que a força do intelecto tudo pode. Contudo, como morreu alguns anos antes de Darwin publicar "*A Origem das Espécies*" (1859) e Marx escrever "*O Capital*" (1867-1894), perdeu-se a oportunidade de conhecer a sua apreciação sobre as obras destes autores.

Fácil é perceber que estes sistemas éticos se tornam um embaraço quando desejamos uma teoria bem fundamentada capaz de responder a questões não apenas relacionadas com valores humanos, mas também a questões importantes sobre valores não-humanos como, por exemplo, o valor de uma sinfonia. Além disso, os sistemas éticos variam com as culturas e tornam-se incompatíveis entre si gerando conflito em várias dimensões, como a ciência, a arte, a medicina, a política e em diversas escalas seja local, tribal, corporativa, nacional, internacional, quiçá planetário ou, como referem alguns autores, no âmbito de futuras culturas fundadas em Cyborgs e Inteligência Artificial. Por exemplo, a chamada Declaração Universal dos Direitos do Homem não é universal pois só respeita aos seres humanos e apenas àqueles que a assinaram. E falha no sentido que os direitos do homem estão indelevelmente ligados ao futuro do planeta. Continua, portanto, a ser necessário um sistema ético universal que contribua para o entendimento de todos os seres porque o bem de cada um depende do bem de todos. Este princípio sugere, desde logo, um modelo baseado nos EcoSS e na sua

evolução.

A actual ausência de líderes carismáticos e a sua substituição por heróis do desporto, artistas do cinema ou objectos de consumo nos quais muitos depositam, em vão, a esperança de conhecer a "grande felicidade" apelam ao torpor numa vida que flui sem perguntas, sem dilemas e sem perturbações fazendo renascer o interesse pela natureza, nomeadamente pelos animais mais próximos, animais de estimação, com surtos de antropomorfização chegando a regressões civilizacionais em que estes são cuidados como pessoas ou mesmo endeusados lembrando práticas primitivas na história das civilizações.

Diferente é procurar na natureza e na biologia sistemas organizacionais que pela forma como surgem, como interagem, como lidam com a adversidade podem ser inspiradores para o ser humano, na forma como este deve encarar os valores e princípios fundamentais da bioética.

Um tal sistema para ser compreendido e usado por todos tem de estar presente e visível em todo o lado. Tem de ser simples e de fácil leitura. Tem de ser universal. Tem de funcionar para cativar. Tem de conter em si o fenómeno da vida plena e harmoniosa. Os EcoSS podem conter os argumentos com que a natureza é capaz de responder à desorientação humana na procura dos verdadeiros valores e princípios: O bem de cada um depende do bem de todos, formam-se espontaneamente em resposta a uma necessidade de sobrevivência, são sustentáveis, suportam agressões externas, são versáteis e adaptam-se. O que o ser humano mais deseja, a harmonia e o bem-estar que conduz a um estado pleno social, mental e físico, pode encontrá-lo representado nas múltiplas e diversas formas de vida que se encontram num EcoSS, na forma como vivem, como interagem, como morrem. Mais, diferentes EcoSS, ocasionalmente, interagem entre si sem pôr em causa a sobrevivência ou o bem-estar de cada um deles ou dos seus membros. Mais, ainda, a interacção entre EcoSS estranhos cria a oportunidade de diversificação quando se introduzem espécies novas ou novos genes, em cada um dos EcoSS. Este aspecto configura, metaforicamente, a relação do MS com a sociedade que conhecemos. Não condenar, conhecer, comunicar e compreender o MS cria a oportunidade de tornar o EcoSS mais forte e mais eficaz. É verdade que pode pôr em causa velhas ferramentas ou conceitos mais estabelecidos, mas o exercício que resulta da interacção, do esforço de conhecimento e de adaptação, do abalo na zona de conforto, por si só já é uma vantagem. A função faz o órgão. Órgão que não é solicitado, colapsa e é reabsorvido. Cada membro do EcoSS pode ser provocado e estimulado enquanto os restantes indivíduos ou "órgãos" do EcoSS asseguram a margem de sobrevivência até ao fim do teste. O bem ou o mal que advierem desse exercício é partilhado por todos de acordo com o funcionamento e normas implícitas do EcoSS. Valores e princípios, ou a ausência deles, trazidos pelo MS

devem obrigar cada um em particular e a sociedade em geral a libertar-se de amarras sociais ou pessoais, e olhar criticamente e de forma sistémica, não individual, para o comportamento, ideias e conceitos estranhos apresentados. Repudiar um estranho pode significar perder um amigo.

Em 1971 é publicado o livro *"Bioethics: bridge to the future"*, cujo autor, Van Ransselear Potter, bioquímico americano foi quem cunhou o termo "Bioética" numa tentativa de estabelecer a ligação entre as ciências biológicas e o Humanismo. Potter afirma que a bioética deve ser apoiada em conceitos modernos de biologia e não numa introspecção sem suporte científico. Na sua perspectiva, os princípios reducionista e mecanicista da biologia, que dissecam e estudam o funcionamento dos seres vivos, deveriam ser integrados na visão holística da natureza. Para Potter o conceito de vitalismo é inútil e deve ser esquecido apesar deste conceito, ser uma peça-chave para várias religiões. Sem preconceitos, Potter dedica um capítulo do seu livro a Teilhard de Chardin, jesuíta antropologista que dedicou a sua vida à síntese de ciência e religião.

O recurso à biologia e à ecologia tem sido, na verdade, uma fonte de inspiração para compreender a conduta ética e para criar linhas de orientação. Larry Colero é sócio duma firma especializada em consultoria de sociedades e ética dos negócios, chamada CrossRoads Program Inc. de Vancouver, Canadá. Conta que foi desafiado pelo Dr. Michael McDonald do Centro de Ética Aplicada da Universidade da Colúmbia Britânica a produzir um artigo para o *site* do centro onde explicasse os princípios que poderiam ajudar um leigo, como ele, a perceber os fundamentos da ética. Ao contrário do que Colero esperava, o artigo³ que foi publicado em 1997, teve um enorme sucesso e ainda hoje, é usado em várias instituições para ensinar ética e criar códigos de conduta. Qual a razão deste sucesso? A matriz que descreve preocupa-se com a identificação dos ditos dilemas, e que raramente são reconhecidos como tal. Na sociedade global em que se vive, os sinais de aviso são sempre bem-vindos. Os princípios apontados no artigo são de cariz genérico e destinam-se a ser aplicados por pessoas que querem viver eticamente e são capazes de aplicar *"bona julgamento"*. Não são descrições de regras ou normas sociais. Em terceiro lugar, e muito importante para a maior parte das pessoas, apresenta três diferentes níveis de responsabilidade moral: interpessoal, profissional e ética global fazendo lembrar a abordagem ecológica concêntrica de Urie Bronfenbrenner. A sua representação gráfica, como uma chama, ajuda a compreender que qualquer categoria pode desaparecer transitoriamente, mas volta a reaparecer interagindo e sobrepondo-se com as outras duas, constantemente. A chama é a parte visível dos gases numa combustão. Tal como os nossos actos, significa energia que se liberta e, de alguma forma, traduz o renascimento duma infinitesimal parte da energia do Sol, que chegou à Terra e foi guardada no combustível que agora alimenta esse fogo.

Exactamente a mesma energia que perpassa e circula em qualquer EcoSS. Cada zona da chama depende das outras duas na medida em o calor de qualquer uma é suficiente para manter a libertação de gases combustíveis e recuperar a zona mais fraca. A metáfora pode-se estender à temperatura de cada zona e ao âmbito das nossas acções em cada uma delas e à energia dispendida no equilíbrio estrutural e funcional dum EcoSS. Finalmente, a regra de ouro, que é na verdade o primeiro princípio, segundo Colero: compaixão e amor incondicionais. O que dá sustentabilidade à chama e a faz resistir às correntes de ar. Fácil de dizer, difícil de fazer. Para Colero, a preocupação com o bem-estar dos outros é a essência da matriz que descreve.

Os MS levantam questões particulares no âmbito da saúde e particularmente no exercício da medicina.

O grande objectivo da actividade clínica é a manutenção da saúde e a cura da doença. Neste campo complexo do equilíbrio entre o bem-estar físico, psíquico e social, a relação com o médico assume um papel fulcral. A atitude do médico perante um ser em sofrimento, vulnerável que o fita nos olhos a pedir alívio não é compaginável com uma mera relação económica ou um acto de funcionarismo público. A amizade, que pode vir a ocorrer mais tarde entre as duas figuras, não é o sentimento inicial, na maior parte dos casos. A relação de poderes que se apresenta é claramente a favor do médico, e o seu exercício uma tentação. Ser médico e fazer Medicina pressupõe uma atitude de compaixão, decisão única e exclusivamente da responsabilidade do médico quando assume cuidar de quem sofre. Esta atitude, que não é dó, pena ou comiseração, e é particularmente importante quando a intervenção técnica não é acompanhada do sucesso esperado ou quando a gravidade da doença ultrapassa os meios e recursos disponíveis. Qualquer que seja o resultado da intervenção do médico e da sua interacção com o doente, este deve rever-se, em todo o processo, nos seus próprios valores e princípios, aqueles que vigoram no seu EcoSS social. Quando o médico ou o doente se comportam como MS o exercício ético cabe ao médico e pode ser muito difícil conciliar as suas convicções pessoais com os valores fundamentais do doente. A empatia que resulta da compaixão pode ser uma força do Bem. Vários estudos sugerem que a empatia leva a comportamentos altruístas. Mas também foi demonstrado, e é fácil de compreender, que muitas vezes é causa de comportamentos injustos e parciais. Por exemplo, é menos provável ajudar um estrangeiro do que ajudar um compatriota, ajudar um familiar ou amigo de longa data do que ajudar um desconhecido. Num estudo publicado na revista *Neuron*,⁴ os participantes foram submetidos a choques eléctricos dolorosos e depois observaram outros participantes serem submetidos ao mesmo tratamento. A actividade neuronal registada mostrou maior semelhança, por exemplo, entre participantes que eram da mesma equipa desportiva. Assim,

parece que a lealdade é uma força moral maior do que a empatia. No entanto, é indiscutível que a empatia é uma força moral positiva em si e que não é um conceito obscuro sem significado. A diferença de empatia é uma inevitabilidade pois vivemos num mundo dividido por afinidades políticas, por raças, por religiões, por convicções pessoais e temos uma tendência a fazer julgamentos sumários. Para o médico que exerce a medicina é importante ter estes factos presentes.

Os ensaios clínicos são fonte de informação preciosa e decisiva para a cura ou controlo de muitas doenças. Os puristas da investigação continuam a afirmar que o placebo deve continuar a ser usado no grupo de controlo pois é o melhor comparador sobretudo para pequenos efeitos. Significa que muitas pessoas que são portadoras de doença estão sem tratamento no grupo do placebo, quando pode existir uma alternativa equivalente já ensaiada e aprovada. O filósofo Charles Fried definiu *equipoise* para significar a situação clínica em que um determinado médico está com dúvida genuína e razoável sobre a eficácia duma dada alternativa terapêutica. Desta forma, não hesitará em sugerir ao doente que aceite entrar no estudo controlado e aleatório. Compara duas substâncias activas. Já o mesmo não se passa com o placebo ou com outra substância que tem uma eficácia menor ou efeitos colaterais mais significativos em que o seu doente pode ficar sem tratamento. No entanto, pode ser vontade do doente de participar e correr os riscos inerentes à falta de *equipoise*, seja por altruísmo ou por outra razão cultural, moral ou técnica diferente. Também neste caso o médico deve estar atento e respeitar os valores do doente de tal modo que este se mantenha enquadrado na sua cultura e no seu EcoSS social, se assim o desejar. A investigação clínica deve servir a prática da medicina e não o contrário. No entanto, a bioética é a ponte que as une e para que não desabe dum lado é preciso que esteja bem apoiada nas duas margens. A aplicação dos princípios de uma economia de mercado nos cuidados de saúde⁵ como seja no âmbito das farmacêuticas, clínicas privadas, equipamento médico, seguros de saúde, introduz o conceito de propriedade, lucro e sustentabilidade, com valores e princípios estranhos à saúde, pelo que, ao contrário do que defendeu Engelhardt, acaba por ter consequências morais importantes, e pior, esbate a diferença entre seres humanos e bens transacionáveis.

CONCLUSÃO

A ciência, a política e a economia avançam muito mais rapidamente do que a ética. É preciso aprender a lidar com novos e estranhos desafios, que se apresentam com novos e estranhos valores. Do uso que dermos às novas descobertas, da forma como olharmos para elas, depende o nosso futuro e a nossa viabilidade. Nós não somos donos da Terra nem do que nela existe, mas sim, somos convidados nela. Do entendimento que tivermos com os nossos conviventes e os

nossos vizinhos, os nossos interlocutores, depende o nosso futuro como raça e como espécie. No fim, um princípio é universal: “*As boas vontades convergem*” (Teilhard de Chardin) e mais que regras ou leis ou orientações podemos confiar nessa energia que perpassa o nosso EcoSS agora, neste espaço, e ao longo do tempo que aqui acaba e agora começa, que é a confiança baseada no amor, tal como a energia do Sol inspira e mantém vivos e viáveis os EcoSS na Natureza. O amor é a única percepção, real e palpável que ultrapassa o tempo e perdura para além da morte. O amor, ao contrário de outros sentimentos como a amizade e as afinidades, o corporativismo e o tribalismo, é uma decisão e uma escolha pessoal, é gratuito e não exige reciprocidade. Não nasce do valor do seu objecto, mas dá-lhe valor. Por outro lado, é legítimo e saudável sentir o medo da dor e do sofrimento, mas são eles que regeneram e dão a força que nasce da compaixão genuína e estreita a ligação entre os indivíduos da espécie e os seus conviventes do EcoSS. A dor e o sofrimento estão na origem e são inspiradoras de grandes obras de arte na pintura, na música, na escultura. Mas também na ciência. Assinalo dois enormes feitos mais recentes: a exploração espacial que nos tem permitido visitar outros planetas, obter imagens impensáveis e conjecturar quase infinitamente, e outro, mais recente, que foi a vacinação, em menos de um ano, contra a pandemia provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Sim, quando saímos do nosso conforto fazemos coisas fantásticas. E, sim, o Universo preocupa-se connosco. Mas isso não nos dispensa nem nos desresponsabiliza pelo nosso crescimento. Sim, podemos viver moralmente com as nossas convicções no nosso EcoSS e relacionarmo-nos com o resto do Universo e as suas diferenças. A humanidade é uma criança e, tal como a criança, tem de descobrir e aprender com tudo o que a rodeia, manter o espírito aberto e confiar naqueles que a trouxeram ao mundo. O seu microsistema, a sua família, a sua cultura. Alargando progressivamente o círculo. E sobretudo, tal como acontece inevitavelmente com a criança quando tem um irmão ou descobre os colegas na escola, desvincular-se da ideia suicida, ptomaica, dum antropocentrismo cósmico, em que tudo gira à sua volta, e tudo existe para a servir. Copérnico resolveu essa questão com as limitações e as ferramentas de há 500 anos. Onde estaremos nós nos próximos 500 anos com as ferramentas de hoje?

Responsabilidades Éticas

Conflitos de Interesse: Os autores declaram não possuir conflitos de interesse.

Suporte Financeiro: O presente trabalho não foi suportado por nenhum subsidio ou bolsa.

Proveniência e Revisão por Pares: Não comissionado; revisão externa por pares.

Ethical Disclosures

Conflicts of Interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Financing Support: This work has not received any contribution, grant or scholarship.

Provenance and Peer Review: Not commissioned; externally peer reviewed.

ORCID

João Pina  <https://orcid.org/0000-0001-9737-9026>

Submissão: 26 de junho, 2021 | Received: 26th of June, 2021

Aceitação: 27 de junho, 2021 | Accepted: 27th of June, 2021

Publicado: 28 de junho, 2021 | Published: 28th of June, 2021

© Autor (es) (ou seu (s) empregador (es)) Revista SPA 2021. Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC. Nenhuma reutilização comercial.

© Author(s) (or their employer(s)) and SPA Journal 2021. Re-use permitted under CC BY-NC. No commercial re-use.

REFERÊNCIAS

1. Engelhardt HT. The Foundations of Bioethics. New York: Oxford Press; 1986.
2. Clinton HR. Internet Rights and Wrongs: Choices & Challenges in a Networked World. Secretary of State. Washington: George Washington University; 2011. [consultado Jan 2021] Disponível em: <https://2009-2017.state.gov/secretary/20092013clinton/rm/2011/02/156619.htm>
3. Colero L. A Framework For Universal Principles of Ethics, Crossroads Programs Inc. [consultado Jan 2021] Disponível em: <http://www.ethics.ubc.ca/papers/invited/colero.html>
4. Hein G, Silani G, Preuschoff K, Batson CD, Singer T. Neural responses to ingroup and outgroup members' suffering predict individual differences in costly helping. *Neuron*. 2010;68:149-60. doi: 10.1016/j.neuron.2010.09.003.
5. Heubel F. Moral strangers and the health care market. *Health Care Anal*. 1996;4:197-205. doi: 10.1007/BF02252880.